



Uma Dama
Atrevida

Ladies ousadas - 2

Silvia Spadoni

PRÓLOGO

Atou a fita do chapéu sob o queixo e examinou mais uma vez sua imagem no espelho. O vestido discreto, em um tom azul-acinzentado e sem excesso de enfeites ou fitas, parecia adequado. Estava corada, mais do que seria elegante, e os olhos castanhos cor de mel estavam, talvez, brilhantes demais. Precisava lembrar-se de controlar o sorriso, quase tolo, que teimava em dançar nos lábios rosados, e apresentar um semblante mais sério.

Aprumou o porte, conferiu mais uma vez a bolsinha de seda e confirmou que suas cartas de recomendação estavam bem-guardadas. Vestiu o casaco, respirou fundo e saiu.

A sorte estava lançada.

E a srta. Pimble Davenport, pronta para conquistar o mundo!

CAPÍTULO 1

Montaigu House, o elegante palácio de pedras na Great Russell Street, em Bloomsbury, abrigava desde 1749 a sede do Museu Britânico. O edifício principal era imponente, com seus dois andares, um proeminente telhado com mansarda e uma cúpula sobre o centro. Além do espaço destinado às obras de arte e artefatos, abrigava também os gabinetes dos responsáveis por cada departamento, pelo acervo e administração e uma biblioteca.

Pimble fora uma aluna excelente, aprovada com notas máximas, no curso para moças ministrado pela sra. Alistair. Com o auxílio da professora e o patrocínio da querida Lady Georgina Walker, sua fada madrinha, candidatara-se a uma vaga no curso de antiquarismo e história que o museu ministrara em conjunto com Oxford e, da mesma forma que no anterior, saíra-se muito bem. Curiosamente fora a única mulher a concluir o curso, considerado pouco adequado ao sexo feminino, e só o fizera graças à própria resiliência e à força de vontade.

Há uma semana fora divulgado entre os alunos a existência de uma vaga para assistente de Sir Archibald Louis Floyd, o renomado egíptólogo cuja fama de exigente e ranzinza era tão grande ou maior do que o renome.

A vaga seria inicialmente preenchida após a análise de credenciais enviadas por carta ao respeitado pesquisador. No entanto, era voz corrente que Sir Archibald não considerava mulheres aptas a trabalhar com assuntos tão cáusticos quanto o estudo e a pesquisa sobre artefatos históricos. Por isso, Pimble tinha certeza de que seria inútil seguir os trâmites normais. A possibilidade de que suas credenciais nem fossem analisadas — mesmo sendo tão boas ou até melhores do que as dos concorrentes homens — era considerável. Por serem de uma mulher, provavelmente seriam imediatamente descartadas. Diante disso, para ter alguma chance, ela precisava de uma abordagem direta, pessoal.

Assim, usou de um artifício.

Com uma carta de apresentação fornecida por Lady Georgina, em nome de P. Davenport, agendara um horário com Sir Archibald. Levava

consigo outra carta da sra. Alistair e o histórico de suas notas e dos trabalhos realizados durante o curso de antiquarismo. Esperava que isso a ajudasse a convencer Sir Archibald de que era a pessoa certa para o cargo.

Uma chuva fina caía quando ela desceu do coche e precisou equilibrar-se para não enfiar o pé, calçado com botinas de pelica, na poça d'água do meio-fio. Por um instante pensou em reclamar com o cocheiro, mas o homem não tinha culpa. Havia dois dias, o tempo estava inclemente e a garoa caía de forma ininterrupta, tornando as ruas verdadeiros lamaçais. Conferiu mais uma vez o papel em que anotara o número do gabinete do professor e aprumou-se antes de se dirigir à entrada lateral. Respirou profundamente, precisava de alguns segundos para acalmar a ansiedade e equilibrar-se. Não podia demonstrar qualquer descontrole, tampouco agir com sua costumeira impetuosidade. Estar calma e no domínio de suas emoções seria fundamental para conseguir argumentar de forma objetiva e convincente.

Pimble Davenport, mantenha a compostura, ordenou-lhe a consciência.

O trânsito de pedestres àquela hora não era demasiado e poucos prestaram atenção à jovem. Tampouco o fez o homem de cabelos brancos e um vastíssimo bigode de pontas reviradas que se aproximava embrulhado em um sobretudo impermeável, com um cachecol de lã em torno do pescoço quase a lhe esconder o rosto.

Nenhum dos dois notou o garoto. Encostado na parede pouco à frente, de roupas grosseiras e um boné enterrado até as orelhas, ele parecia imerso em pensamentos. No entanto, seus olhinhos astutos não perdiam nada do que acontecia ao redor. Não deveria ter mais do que onze ou doze anos, mas *já dominava a arte de surrupiar objetos com destreza*. E não lhe passou despercebido a bolsinha de seda dependurada no pulso da jovem por uma corrente fina, tampouco o relógio de prata que o homem retirara da algibeira para conferir as horas.

Foi tudo muito rápido.

Em um volteio, o garoto arrancou a bolsa de Pimble, provocando-lhe uma dor aguda quando a corrente se forçou contra a pele até arrebentar, e, ato imediato, deu um salto e puxou das mãos do velho o relógio de prata, derrubando-o e correndo em desembalada carreira.

— Aiii! — O grito de Pimble trazia mais revolta do que medo. — Volte aqui, moleque danado! Devolva-me a bolsa! — Seu primeiro instinto foi persegui-lo, mas a visão do idoso caído a impediu. — O senhor está bem? —

perguntou, segurando-lhe o braço com cuidado. — Vou ajudá-lo. Veja, seus óculos... Lamento, uma das lentes se quebrou na queda. Esses meninos, *não passam de crianças, mas causam um rebuliço*.

— Malditos assaltantes, isso sim! — resmungou o velhote. — Obrigado, senhorita — agradeceu, aceitando ajuda para levantar-se. — O pequeno meliante foi muito rápido, não o vi se aproximar.

— Eu tampouco. Está machucado, senhor?

— *Não, na verdade não. Apenas um pouco zozzo e, sem os óculos, com certa dificuldade*. Ora, veja, ainda caí em uma poça de lama e, pior, acho que torci o pé. Malditos assaltantes! — repetiu, ao perceber o casaco molhado e bastante sujo e a pontada de dor ao firmar o tornozelo.

— Se está zozzo será aconselhável sentar-se um pouco, talvez uma xícara de chá... — Pimble relanceou os olhos, mas não viu nenhum lugar onde pudessem se acomodar.

— Vejo que também se machucou, senhorita — resmungou o velhote, notando o sulco vermelho em seu pulso. — Vamos, não há nenhum lugar por aqui onde sirvam um chá decente. Se puder acompanhar-me — continuou, aceitando o apoio que o braço da jovem oferecia —, ficarei muito grato. Em retribuição lhe servirei uma xícara de Darjeeling — ofereceu, citando o chá indiano de sabor leve e único.

— Bem... — Por um segundo Pimble titubeou, pois a entrevista com Sir Archibald seria em minutos; mas, por outro lado, ela não poderia deixar de auxiliar o homem. — Está bem, mas talvez não possa aceitar o chá. Primeiro deixe-me ajudá-lo, depois veremos.

— Por aqui — disse ele, indicando, para surpresa de Pimble, a entrada lateral do museu. — Alguns minutos apenas; não pretendo atrasá-la para seja lá o que tiver que fazer. Realmente não conseguiria dispensar sua ajuda.

Com cuidado, Pimble o apoiou pelos corredores praticamente vazios do setor privado do museu. Àquela hora, todos já se encontravam acomodados em suas próprias salas, a portas fechadas, e a esperança de que pudesse repassar o encargo a outrem e correr para sua entrevista se esvaiu. *Não demorou muito a chegarem ao destino*. O senhor indicou uma grande porta de madeira, retirou uma chave antiga do bolso e a abriu com certa dificuldade.

Pimble viu-se em uma sala não muito grande, ocupada por uma escrivaninha meticulosamente organizada, uma única cadeira de couro por

detrás dela e uma série de arquivos dispostos contra uma das paredes. O espaço seria quase totalmente impessoal, *não fosse uma série de gravuras com motivos campestres enfeitando uma das paredes*. Era possível entrever uma minúscula copa, parcialmente disfarçada por um biombo de madeira, provavelmente usada para preparo de chá.

Imaginando tratar-se do escritório do senhor, ia despedir-se, ansiosa por seguir ao encontro de Sir Archibald, quando o notou abrindo outra porta ao fundo para entrar no que agora percebia ser a sala principal.

— Vamos, minha jovem, acomode-se. Talvez aqui. — Indicou uma cadeira em frente a uma enorme escrivaninha entulhada de papéis à qual ele próprio se dirigiu. Em um gesto automático procurou o relógio no bolso, dando-se conta de imediato de que o objeto fora furtado. — A srta. Hastings deve estar chegando; ela providenciará nosso chá — afirmou, referindo-se provavelmente à ocupante da antessala.

Ao contrário da sensação de ordem que sentiu no espaço anterior, ali ela vislumbrou o caos. Mas, ao invés de sentir-se intimidada pela variedade de objetos exóticos que se espalhavam por toda parte, Pimble observava-os fascinada. Sem atentar-se ao convite para sentar-se, rodeava-os, parando um pouco mais diante de um ou outro. O gabinete parecia um depósito, com caixas e livros que se amontoavam por todo lado. Para sua surpresa, uma gata gorda de pelo alaranjado surgiu sem que ela notasse de onde, saltou à sua frente e começou esfregar a cabeça em suas saias, ronronando.

— Bastet, aí está você. Vamos, deixe nossa convidada em paz. Não é elegante incomodar as visitas — avisou o cavalheiro, abanando a *mão*, mas foi solenemente desconsiderado.

— Ela não me incomoda — replicou Pimble, abaixando-se e fazendo um afago atrás da orelha da gata, que não só o aceitou como ronronou ainda mais alto. — Que interessante escolher o nome de uma deusa egípcia para uma gata.

— Mas se Bastet é... — o homem interrompeu a fala, curioso por ela conhecer a origem da escolha.

— ... representada por uma gata, nada mais adequado, não é mesmo? — Pimble completou o pensamento.

— Bom dia, senhor. Oh! Estou interrompendo? — A mulher, magra e alta, vestida de cinza-chumbo, com os cabelos grisalhos presos em um coque severo, lançou um olhar e obviamente estranhou se deparar com uma jovem, algo inusitado naquele gabinete.

— Ah, sra. Hastings, essa jovem... senhorita... Como é mesmo seu nome?

— Pimble, senhor.

— Pois bem, fomos atacados por um garoto. O sujeitinho levou-me o relógio e ainda me derrubou — informou, retorcendo a ponta do bigode. — Quebrei os óculos e torci levemente o tornozelo, e a senhorita ajudou-me a chegar aqui. Agora precisamos de alguns minutos e de uma *xícara de chá para nos refazer*.

— Oh, não, senhor — protestou Pimble. — Agora que já está acomodado, receio ter que declinar o chá. Tenho um compromisso neste mesmo prédio e já estou atrasada. Ainda que minhas chances de ser bem-sucedida tenham sido reduzidas, não deixarei de apresentar-me — explicou, como se argumentasse consigo mesma. — O garoto não levou apenas minha bolsa, como também minhas cartas de recomendação. Tenho certeza de que Sir Archibald nem mesmo vai considerar ouvir-me. De qualquer forma, terei que insistir, ainda que ele considere isso um atrevimento. Melhor atrevida do que desistente, não acha, senhor? Essa é minha única chance e não vou desistir sem lutar — afirmou com convicção.

Diante do comentário, o cavalheiro ergueu os olhos e observou a garota, fazendo um sinal sutil com a mão em direção à sra. Hastings. Era evidente que a jovem estava aborrecida, mas certamente não assustada por ter sido vítima de um furto. Sua apreensão era de todo ligada à possibilidade de não ser bem-sucedida em sua pretensão, qualquer que fosse, como se o furto fosse um incidente menor. *Ora... ora... um comportamento bastante diverso do que se espera de uma mulher*, pensou o erudito. Fosse outra, certamente já teria tido um desmaio ou um acesso de pânico.

— Srta. Pimble, quanto a Sir Archibald... hum, digamos que posso argumentar em seu favor. Uns minutos de descanso e uma xícara de chá estão justificados depois do incidente — determinou com autoridade. — Afinal, a senhorita também se machucou, sem falar no susto que sofreu. Descanse por alguns momentos, eu lhe garanto que ele não se importará com o atraso quando souber que foi a meu pedido. Sra. Hastings, chá por favor.

— Certamente, Sir... hum — disfarçou a secretária, diante do olhar que ele lhe lançou. — O senhor tem uma entrevista marcada para as nove horas. Receio que a pessoa em questão esteja atrasada.

— Creio que não — comentou ele com um olhar indefinido direcionado a Pimble. — O chá, sra. Hastings, traga o chá — insistiu com

firmeza. — E, quanto à senhorita — continuou, indicando a cadeira à sua frente —, sente-se e conte-me o que sabe sobre a deusa Bastet e exatamente o que tem a tratar com Sir Archibald.

Pimble sentiu vontade de recusar e sair correndo, mas uma força maior a prendeu. Talvez fosse a sensação de que a entrevista já estaria perdida ou a esperança de que o velhinho pudesse mesmo intervir junto ao estudioso. Ou ainda a curiosidade em saber mais sobre os objetos que se espalhavam e que certamente tinham uma história interessantíssima a contar.

— *Não há muito a contar, senhor.* Mas vejamos... talvez eu seja apenas uma moça ambiciosa, mas minha ambição está toda voltada à cultura e ao conhecimento. E, se for sobre o Egito, fica quase incontrolável. Ouso dizer que talvez tenhamos esse interesse em comum, senhor. Vejo que mantém uma série de artefatos aqui. Por exemplo, esse é um bumerangue egípcio, *não é?* — perguntou, apontando para um objeto cuidadosamente pousado sobre um berço de tecido. Sua curiosidade natural estava aguçada diante de tantos tesouros. — Sempre quis experimentar, entender como funciona. Claro que não vou tocá-lo, não se preocupe — apressou-se a garantir.

— Hum... vejo que a senhorita tem algum conhecimento. Sim, esse objeto foi encontrado no Egito. Há indícios de que fossem usados desde o Reino Antigo para caçar pássaros. E veja isso aqui...

Quando a sra. Hastings voltou com a bandeja onde estavam arrumadas duas xícaras, um bule coberto com abafador e um prato de biscoitos, deparou-se com uma cena absolutamente inédita.

O sempre circunspecto senhor conversava animadamente sobre múmias com a jovem, que, por sua vez, acompanhava as palavras completamente absorta e com um semblante de admiração.

CAPÍTULO 2

— Belinda! — Pimble adentrou a saleta de estar clamando pela amiga que, àquela hora, provavelmente estaria envolvida com listas de compras ou com as pilhas de contas. Ansiava dividir a novidade e a alegria com ela.

Belinda Carlyle e Pimble Davenport, de origem absolutamente diversa, haviam sentido uma conexão natural ao se conhecerem. A simpatia fora mútua, desde o primeiro contato, e, com o passar do tempo e a proximidade, desenvolveram uma relação de irmãs. Partilhavam sonhos e apoiavam-se mutuamente diante das adversidades. Mais do que isso, agiam como contrapeso uma da outra. Era possível dizer que a natureza impetuosa de Pimble impulsionava e ajudava Belinda a lidar com sua timidez. Por outro lado, o bom senso de Belinda e sua maturidade por vezes refreavam o temperamento impulsivo de Pimble.

Pimble passara a residir no solar da família Carlyle em Chelsea, Londres, por uma dessas manobras felizes do acaso. De origem aristocrática, Belinda vira a mãe esbanjar a renda familiar em jogos de azar, principalmente nas corridas de cavalo. Após a morte do marido, a situação se agravou. Lady Carlyle, em seus devaneios, passou a arriscar cada vez mais na ilusão de que a próxima aposta a faria reaver a fortuna, o que obviamente não acontecia. Desesperada, Belinda buscava uma forma discreta de obter renda e manter as finanças minimamente organizadas. Estava justamente tentando convencer a mãe a aceitar uma pensionista quando receberam uma carta de Lady Georgina Walker. A duquesa de Kent afastara-se da sociedade após seu casamento com o visconde de Durnhill; mesmo assim, ainda era bastante respeitada pela aristocracia. A dama explicava na missiva que tinha sob seus cuidados uma jovem protegida, Pimble Davenport, que Belinda conhecera rapidamente em ocasião anterior. A jovem viera a Londres para estudar na Escola para Moças da sra. Alistair, que dispunha de acomodações para as alunas. Porém, concluído o curso, precisava deixar o local e por isso necessitava de uma nova moradia. Lady Georgina explicou que buscava indicação de pensões bem recomendadas para moças e, por considerar Lady Carlyle bastante informada, perguntava se ela poderia sugerir alguma. O pedido se ajustava perfeitamente às necessidades das

Carlyle e foi assim que Pimble, havia dois anos, fora acolhida por Belinda e sua mãe.

A solicitação de Lady Georgina viera mesmo a calhar. Além do aporte financeiro, Belinda conquistara uma amiga sincera, um relacionamento que se estreitara com o tempo.

— Belinda! — A voz de Pimble, um pouco mais alto do que seria recomendável, dava ideia de sua excitação. — Eu consegui! — afirmou, radiante, defronte a amiga. — *Você não imagina, fui assaltada... bendito assaltante... foi graças a ele... levou-me a bolsa e as cartas de recomendação...*

— Assaltada? — Horrorizada, Belinda levou a mão à boca, os doces olhos castanhos arregalados de espanto. — Por Deus, você está bem?

— Oh, sim! Estou ótima! Perdi a bolsa — disse Pimble com um imenso sorriso —, mas consegui o emprego e, acredite, foi graças ao punquista e um pouco por causa de Bastet, eu acho. Não fosse o assalto, Sir Archibald não teria me dispensado nem mesmo dois minutos de atenção. E foi a gata que nos fez começar a conversar sobre os egípcios. Então, benditos sejam o ladrão e a gata, certo? — concluiu com satisfação diante do olhar ainda incrédulo de Belinda.

— *Não... não... não...* Nada está certo. Sente-se aqui, acalme-se e conte tudo, nos mínimos detalhes. Oh, Pimble! Assaltada? Vejo que seu pulso tem uma marca bem vermelha, você se machucou — continuou, horrorizada.

— *Não foi nada, Belinda* — insistiu Pimble, com um gesto de mão a indicar indiferença pelo machucado. — Já sofri ferimentos maiores. Uma vez, um cavalo de Lady Georgina baixou a cabeça com força quando eu segurava o bridão e... *não importa* — falou, percebendo que tagarelava e se afastava do assunto principal. — Acredite, hoje os benefícios foram muito maiores do que esse hematoma. Vou lhe contar como tudo aconteceu. Eu cheguei ao endereço alguns minutos antes da hora agendada. Chuviscava e eu estava preocupada com a entrevista e, talvez por isso, um pouco distraída, o que não é exatamente novidade...

Pelos minutos seguintes, Pimble detalhou os acontecimentos para Belinda. O incidente, a forma como auxiliou o senhor, a conversa inesperada e os interesses em comum e, por fim, a surpresa ao descobrir que o homem à sua frente era nada mais nada menos do que o próprio Sir Archibald. Não escondeu nem mesmo a apreensão que a tomou quando teve que confessar ter usado um subterfúgio para ser recebida. Ao final, seu interesse e conhecimento garantiram a vaga de assistente, para sua alegria e evidente espanto da secretária, a sra. Hastings.

— ... e foi assim que tudo aconteceu. Viu como eu estava certa? Não fosse o ladrão, tudo teria sido diferente — reiterou, satisfeita.

— *Só mesmo você, Pimble, para conseguir transformar um assalto em uma situação benéfica. Mas não deixa de ter razão.* Sou obrigada a reconhecer que, se não fosse isso, talvez você não tivesse a chance de uma conversa tão longa e eloquente com Sir Archibald. Até eu, que não transito nos meios acadêmicos, conheço sua fama de rabugento. Fico muito feliz, minha amiga. Você conseguiu não só realizar o sonho de estudar como conseguiu obter uma colocação no museu, como assistente de um pesquisador renomado! — exclamou Belinda, sorrindo e batendo palmas com satisfação. — Precisamos comemorar!

— Sim, minha amiga, essa é uma conquista a ser celebrada. Eu imagino a expressão azeda de todos os meus colegas do curso de antiquarismo quando souberem que a vaga tão desejada foi conquistada pela única mulher. Mas, dessa vez, nada que fizerem será capaz de magoarme. Eu consegui por méritos próprios e, garanto, farei o possível para não decepcionar Sir Archibald. Vou mostrar a todos que nós, mulheres, somos seres pensantes, inteligentes e capazes de muito mais do que apenas aprender a servir chá.

— Tenho certeza de que vai; você é incrível, minha amiga.

— *Não apenas eu; você também.* Basta não dar tanta atenção aos comentários de sua mãe. Se me permite dizer — prosseguiu Pimble, mas como sempre expondo a opinião sem esperar permissão —, ela extrapola o limite do razoável em suas críticas e em sua insistência sobre algumas questões.

— Ah, Pimble, mamãe não faz por mal. Ela se preocupa comigo, mas o que lhe falta é bom senso com relação ao dinheiro — Belinda pronunciou a última palavra baixinho, como se dizê-la em voz alta fosse algo abominável.

— Exato, minha amiga, e, embora a sociedade entenda ser deselegante abordar tal assunto, a verdade é que sem dinheiro não se vive. Só não pensa nisso aqueles que o tem de sobra. Vejo que você está preocupada — continuou Pimble, percebendo a ruga vincando a testa de Belinda. — Aconteceu algo que eu não saiba? Sua mãe...

— *Não, ela não voltou a jogar. Nem poderia; sequer tem crédito agora.* É notório que nossos fundos se esgotaram. Estou aqui analisando as contas da casa e, acho que terei que arranjar outra pensionista. Será isso ou teremos que dispensar a cozinheira.

— Belinda, desmanche essa ruga de preocupação. Daremos um jeito. Se for necessário, posso ajudar, embora cozinhar não seja exatamente algo que eu saiba fazer, mas, posso experimentar.

— De jeito nenhum. Primeiro porque não seria justo, você já nos paga um valor significativo, e, em segundo lugar, porque já experimentamos sua comida. Lembra-se do bolo que tentou fazer? Melhor... *não!* — concluiu Belinda, rindo ao lembrar-se do bolo completamente solado e queimado. — Seus talentos são outros.

— Bom, não posso negar que esquecer o fermento do bolo e deixá-lo no forno até que o cheiro de queimado invadissem a cozinha não é mesmo uma boa recomendação — concordou Pimble, rindo também.

— E como eu também não sei nem por onde começar a escamar um peixe ou abrir uma galinha, se não quisermos morrer de fome, vamos precisar de dinheiro para manter a cozinheira. Vou colocar um anúncio, oferecendo a vaga para uma pensionista. Temos quartos de sobra nessa casa, tenho certeza de que aparecerão interessadas com referência.

— Claro que surgirão interessadas, afinal a casa é grande e muito bem-localizada.

— *Mas não é isso que me preocupa, e sim a reação de mamãe. Ela vai ficar furiosa. Há alguns dias, quando toquei no assunto, ela me acusou de estar jogando o nome de família na lama e transformando o lar em uma casa de cômodos.*

— Façamos o seguinte: diga a ela que ou se arranja um nova pensionista ou serei eu a cozinhar. Tenho certeza de que ela preferirá a primeira opção.

— E não posso discordar dela — completou Belinda, rindo mais aliviada. Como sempre, Pimble afastava as sensações ruins com seu jeitinho irreverente e alegre. — Quando você assume seu cargo? Terá tempo de ir ao escritório do *London Chronicle* comigo amanhã? Ou será melhor tentarmos o *London Gazette*? Publicando o anúncio em um jornal oficial, talvez consigamos atrair pessoas respeitáveis. O que acha?

— Acho que devemos tentar em ambos. Vamos primeiro ao *London Chronicle*. Talvez o anúncio saia já na próxima edição vespertina. Eu começo amanhã mesmo em minha nova atividade; mas, como os escritórios do jornal abrem bem cedo, podemos ir até lá antes de eu seguir para o museu. Ah, Belinda, estou tão empolgada! Um pouco assustada também. Será que vou me sair bem nesse novo encargo?

— Você, assustada? Não fique; será plenamente capaz.

— Você sabe, Belinda, que meu sonho é ainda maior. O que eu quero mesmo é participar de uma expedição ao Egito. Essa colocação junto a Sir Archibald será importante, mas ainda falta muito para eu conseguir alcançar o sonho. Uma vez, Willian comentou...

— Willian? — A menção trouxe um ar de espanto a Belinda. — Há tempos você não fala nele! Ainda se lembra?

— Que bobagem, claro que não me lembro — interrompeu-a Pimble. — Nem sei por que o nome dele me veio à mente. Talvez porque tenha sido o único, além de você, a quem confessei tal desejo. Bem, falar em cozinhar me fez perceber que estou faminta. Vou até a cozinha verificar se o almoço está pronto — disse, mudando de assunto e levantando-se para sair, não antes, porém, de Belinda perceber o tom de nostalgia que marcou sua voz ao se referir a Willian de Montefort.

Pobre querida, definitivamente esse patife marcou seu coração. Mas você vai se recuperar, vai vencer e mostrar a ele do que é capaz. E vai encontrar alguém que realmente mereça seu amor, minha amiga.

Por mais que Pimble negasse, Belinda sabia o quanto Willian de Montefort marcara a vida e o coração da jovem. Fora com estrelas nos olhos que ela lhe contara, em uma noite de confidências, como haviam se conhecido e o desenrolar da breve relação. E ao que parecia, ainda restava um pouco daquele encanto em seu coração. Gostaria de ajudá-la, mas nesse assunto apenas o tempo surtiria efeito. Com um gesto de desalento, Belinda passou a redigir o anúncio que levariam aos jornais na manhã seguinte.

Suspirando, Pimble seguiu para seu quarto. Estava com fome, mas aguardaria o chamado da cozinha. *Não havia por que apressar a pobre mulher*, que se desdobrava para ajudar em uma casa tão grande e com poucos criados. Na verdade, usara de uma desculpa para deixar a sala quando, irrefletidamente, mencionara Willian de Montefort.

Havia muito tempo não tocava no nome dele. Se o fizesse, Belinda ia querer saber se ele ainda ocupava seus pensamentos. E ela não gostaria de mentir, tampouco de confessar. A verdade é que, em algumas noites, quando se deitava observando as estrelas pela janela de seu quarto, ela se perguntava onde ele estaria.

Jogando-se na cama, Pimble encarou o teto e deixou que as lembranças voltassem. Havia se conhecido em uma visita que ela fizera ao Museu

Britânico. Ele fora gentil, conversara com ela e, mesmo percebendo sua condição de criada, a tratara com respeito e admiração. Chegara mesmo a convidá-la para tomar chá. Fora a *única* vez em que se sentira realmente admirada por um homem. Por mais que a razão a advertisse sobre o imenso abismo social que os separava, fora impossível impedir o coração de criar ilusões.

De qualquer maneira, a decepção não tardara. A indiferença com que fora tratada na última vez que haviam se encontrado, em Ascot, fora dolorosa. Ele agira de forma desagradável — mais do que isso, se portara quase como um canalha, evitando-a.

Você já superou! Esqueça essa tolice! Willian de Montefort não merece qualquer lembrança, nem mesmo um minuto de seus pensamentos. Ficou no passado, deixe-o lá. O presente está sendo tão rico, o futuro será ainda melhor... não lembre o que acabou, ou melhor, o que nem mesmo começou... Há uma vida inteira para ser vivida. Viva-a bem!

Sua consciência estava certa.

Ela vinha sendo afortunada, sua vida dera uma guinada em direção a um futuro exitoso. Por que deveria perder tempo com algo que a machucara? Ao contrário, deveria concentrar energia e direcionar seu coração ao seu objetivo maior: tornar-se uma profissional respeitada dentro do Museu Britânico e participar de uma expedição de pesquisa ao Egito.

Era difícil demais enfrentar um mundo masculino. Sempre fora vista com reservas, até com sarcasmo, mesmo quando seu conhecimento se mostrava, se não maior, pelo menos igual ao de seus colegas homens. Perder tempo com lembranças tolas somente a fragilizaria. Seu sonho estava ao seu alcance, já havia percorrido uma grande parte do caminho, o importante agora seria superar obstáculos e trilhar o restante.

Você consegue! Use sua coragem e inteligência e conquiste o que almeja. Esse é o futuro que importa.

Decidida, Pimble levantou-se.

Não ia perder-se em pensamentos melancólicos. Ao contrário, iria alegrar-se com sua incrível conquista. E partilhá-la com aqueles que lhe eram caros. Sentando-se à secretária estilo Queen Annie, tomou papel e pena e pôs-se a escrever para Lady Georgina. A amiga ficaria feliz em saber a novidade.